



Voluntariado como um segundo emprego

Alex Melo

Idealizador da ONG “Meu sonho não tem fim”

Uma pergunta pertinente para todos aqueles que atuam no terceiro setor é: como incentivar uma pessoa a tornar-se voluntária? Qual seria a melhor abordagem?

Albert Schweitzer, Prêmio Nobel da Paz em 1952, era um importante intelectual na Europa quando decidiu estudar medicina e dedicar sua vida a ajudar pessoas na África. Nessa experiência, ele ressaltava que tanto o voluntariado como o auxílio aos necessitados deviam ser encarados como um “segundo emprego”, pois ao sermos úteis aos outros, encontramos a fonte de paz verdadeira e a satisfação ao longo da vida sem precisar negligenciar os deveres ou fazer coisas espetaculares. Para Schweitzer, nosso maior erro como indivíduos é seguirmos pela vida com os olhos fechados às nossas oportunidades de auxiliar a quem necessita, uma vez que para onde quer que vire seu rosto o homem encontra alguém que precise dele.

No entanto, relutamos em nos aproximar de um estranho e muitas vezes não temos a coragem necessária para estender a mão a alguém, pois o receio da rejeição é motivo de grande parte da frieza do mundo. Parecemos indiferentes quando, na verdade, estamos apenas tímidos e desconfiados. Porém, se

ousarmos com sabedoria, mantendo certa reserva na aproximação, descobrimos nossa capacidade de auxiliar.

Vivenciei isso de perto no já distante ano de 1986. Lembro-me como se fosse hoje. Eu tinha 15 anos e caminhava pela Rua Direita, no Centro de São Paulo, quando me deparei com aquela imagem que mudaria minha vida, assim como a forma como eu encararia, a partir daquele dia, os problemas, as dores e tristezas do meu semelhante. Sentada, em um pequeno caixote, uma delicada senhora com mais de 80 anos, frágil, distante, com um olhar triste, pedia esmolas. Enquanto observava aquele ser indefeso, via a minha volta as pessoas passarem rapidamente como se nada acontecesse e aquela situação fosse algo corriqueiro.

Perguntava-me o que uma senhora como aquela fazia ali, na fase final de sua vida, quando deveria estar descansando, tendo boa alimentação, cuidados médicos e um lar decente. Todavia, pedia esmolas para sobreviver por mais um dia. Aquela pequena senhora não poderia imaginar o quanto mudaria minha vida e seria importante para o surgimento de meu sonho, a ONG “Meu sonho não tem fim”.

Vivemos em um mundo conturbado. Se por um lado evoluímos rapidamente em campos como a ciência e a tecnologia, os passos são curtos em nossa evolução

como indivíduos. Em certos aspectos, parece que estacionamos em algum momento após o boom das redes sociais. Nessa caminhada com o voluntariado, descobri que existem muitas pessoas no mundo com problemas imensamente maiores do que os meus – como o abandono, a infelicidade e a doença – e que além de todos esses dramas, muitos deles têm a pobreza extrema como companheira inseparável. São pessoas que quando se levantam pela manhã, não sabem de onde virá e quando virá a próxima refeição.

Eis aí a minha missão: criar possibilidades para que todo cidadão possa ser um agente de transformação na sociedade, tornando-se voluntário em seu “segundo emprego” e por meio de uma cultura de paz. Parece algo grandioso, inatingível até, não obstante jamais nos esqueçamos que legados extraordinários como os de Martin Luther King, Madre Teresa, Mahatma Gandhi, Betinho, Zilda Arns e tantos outros, tiveram seu início com um primeiro passo, ou seja, em algum momento de suas vidas a mão foi estendida nessa caminhada de amor, justiça e fraternidade.

Alex Cardoso de Melo
ONG “Meu sonho não tem fim”
www.meusonhonaotemfim.org.br
[@meusonhonaotemfim](https://www.instagram.com/meusonhonaotemfim)